



A Santa Sé

SANTA MISSA EM SUFRÁGIO DOS CARDEAIS E BISPOS
FALECIDOS DURANTE O ANO

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

*Basílica Vaticana
Quinta-feira, 5 de Novembro de 2009*

Imagens da celebração

*Venerados Irmãos
no Episcopado e no Sacerdócio
Amados irmãos e irmãs!*

"Exultei quando me disseram: iremos para a casa do Senhor". As palavras do *Salmo* 122, que há pouco cantámos, convidam-nos a elevar o olhar do coração para a "casa do Senhor", para o Céu onde está misteriosamente reunida, na visão beatífica de Deus, a multidão de todos os Santos que a liturgia nos fez contemplar há alguns dias. À solenidade dos Santos seguiu-se a comemoração de todos os Fiéis defuntos. Estas duas celebrações, vividas num profundo clima de fé e de oração, ajudam-nos a compreender melhor o mistério da Igreja na sua totalidade e a aperceber-nos cada vez mais de que a vida deve ser uma contínua expectativa vigilante, uma peregrinação rumo à vida eterna, cumprimento último que dá sentido e plenitude ao nosso caminho terreno. Às portas da Jerusalém celeste já "estão os nossos pés" (v. 2).

A esta meta definitiva já chegaram os saudosos Cardeais: Avery Dulles, Pio Laghi, Stéphanos II Ghattas, Stephen Kim Sou-Hwan, Paul Joseph Đenh Tung, Umberto Betti e Jean Margéot, e os numerosos Arcebispos e Bispos que nos deixaram durante este último ano. Recordemo-los com afecto e demos graças a Deus pelo bem que realizaram. Em seu sufrágio ofereçamos o Sacrifício eucarístico, recolhidos, como todos os anos, nesta Basílica de São Pedro. Pensemos neles na comunhão, real e misteriosa, que nos une a nós, peregrinos na terra, a quantos nos precederam

no além, na certeza de que a morte não interrompe os vínculos de fraternidade espiritual selados pelos Sacramentos do Baptismo e da Ordem.

Nestes nossos venerados Irmãos apraz-nos reconhecer os servos dos quais fala a parábola evangélica há pouco proclamada: servos fiéis, que o dono, ao regressar das núpcias, encontrou acordados e preparados (cf. *Lc 12, 36-38*); pastores que serviram a Igreja garantindo ao rebanho de Cristo os cuidados necessários; testemunhas do Evangelho que, na variedade dos dons e das tarefas, deram provas de vigilância laboriosa, de dedicação generosa à causa do Reino de Deus. Cada celebração eucarística, em que tantas vezes também eles participaram primeiro como fiéis e depois como sacerdotes, antecipa do modo mais eloquente quanto o Senhor prometeu: Ele mesmo, sumo e eterno Sacerdote, fará sentar os seus servos à mesa e passará para os servir (cf. *Lc 12, 37*). Sobre a Mesa eucarística, banquete nupcial da Nova Aliança, Cristo, Cordeiro pascal faz-se nosso alimento, destrói a morte e doa-nos a sua vida, a vida sem fim. Irmãos e irmãs, também nós permaneçamos acordados e vigilantes: encontre-nos assim "o dono quando voltar das núpcias, chegando no meio da noite ou antes do alvorecer" (cf. *Lc 12, 38*). Então, também nós, como servos do Evangelho, seremos Bem-Aventurados!

"As almas dos justos estão nas mãos de Deus" (*Sb 3, 1*). A primeira leitura, tirada do livro da Sabedoria, fala de justos perseguidos, mortos injustamente. Mas se também a sua morte – ressaltava o Autor sagrado – se verifica em circunstâncias tão humilhantes e dolorosas que parecem uma desgraça, na realidade para quem tem fé não é assim: "eles estão na paz" e, mesmo se sofreram castigos aos olhos dos homens, "a sua esperança é cheia de imortalidade" (vv. 3-4). A separação dos próprios familiares é dolorosa, o acontecimento da morte é um enigma cheio de inquietude, mas para os crentes qualquer que seja o modo como acontece, está sempre iluminada pela "esperança da imortalidade". A fé ampara-nos nestes momentos humanamente cheios de tristeza e de angústia: "Aos teus olhos a vida não é tirada mas transformada – recorda a liturgia – e enquanto se destrói a habitação deste exílio terreno, é preparada uma habitação eterna no Céu" (*Prefácio dos defuntos*). Queridos irmãos e irmãs, sabemos bem e experimentamos no nosso caminho que não faltam dificuldades nem problemas nesta vida, que existem situações de sofrimento e de dor, momentos difíceis de compreender e de aceitar. Mas tudo adquire valor e significado se for considerado na perspectiva da eternidade. De facto, cada prova, acolhida com paciência perseverante e oferecida pelo Reino de Deus, vem em nosso benefício espiritual já aqui na terra e sobretudo na vida futura, no Céu. Estamos de passagem neste mundo, provados como o ouro, afirma a Sagrada Escritura (cf. *Sb 3, 6*). Misteriosamente associados à paixão de Cristo, podemos fazer da nossa existência uma oferenda agradável ao Senhor, um sacrifício voluntário de amor.

No Salmo responsorial e depois na segunda leitura, tirada da *primeira Carta de Pedro*, encontramos como que um eco rs palavras do livro da Sabedoria. Enquanto o Salmo 122, retomando o cântico dos peregrinos que descem à Cidade santa e depois de um longo caminho chegam cheios de alegria às suas portas, projecta-nos no clima de festa do Paraíso, São Pedro

exorta-nos, durante a peregrinação terrena, a manter viva no coração a perspectiva da esperança, de uma "esperança viva" (1, 3). Face ao inevitável dissolver-se do cenário deste mundo – escreve ele – é-nos dada a promessa de uma "herança que não se corrompe, não se mancha e não perece" (v. 4), porque Deus nos regenerou, na sua grande misericórdia, "mediante a ressurreição de Jesus Cristo dos mortos" (1, 3). Eis o motivo pelo qual devemos estar "repletos de alegria", mesmo se somos atormentados por vários sofrimentos. De facto, se perseverarmos no bem, a nossa fé, purificada de muitas provas, resplandecerá um dia em todo o seu esplendor e virá em nosso louvor, glória e honra, quando Jesus se manifestar na sua glória. Eis a razão da nossa esperança, que já nos faz exultar na terra "de alegria indizível e gloriosa", enquanto estamos a caminho rumo à meta da nossa fé: a salvação das almas (cf. vv. 6-8).

Queridos irmãos e irmãs, é com estes sentimentos que desejamos confiar à Divina Misericórdia estes Cardeais, Arcebispos e Bispos, com os quais trabalhamos juntos na vinha do Senhor. Libertados definitivamente do que permanece neles da humana fragilidade, o Pai celeste os acolha no seu Reino eterno e lhes conceda o prémio prometido aos servos bons e fiéis do Evangelho. Acompanhe-os, com a sua materna solícitude, a Virgem Santa, e lhes abra as portas do Paraíso. Que a Virgem ajude também a nós, ainda viandantes sobre a terra, a manter o olhar fixo na pátria que nos espera; nos encoraje a estar prontos "com as vestes cingidas aos nossos rins e as lâmpadas acesas" para acolher o Senhor "quando Ele chegar e bater à porta" (cf. *Lc* 12, 35-36). Em qualquer hora e momento. Amém!